



CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais

www.ciari.org

MARXISMO

Pedro Conceição Carvalho

Mestrando em Ciência Política: Cidadania e Governação

Universidade Lusófona

Introdução

As diversas concepções do mundo e da vida, influenciaram o exercício do Poder ao longo dos séculos, pois, como observou Bertrand Russell “A coesão social exige um credo, ou um código comportamental, ou sentimento prevalecente, ou, melhor, alguma combinação dos três; sem qualquer coisa do género uma comunidade desintegra-se e torna-se propensa a um tirano ou a um conquistador estrangeiro”¹. E uma das finalidades do Poder é preservar a coesão social da colectividade. Por conseguinte, o exercício do Poder político fundamenta-se sempre num conjunto de crenças, valores, sentimentos; é enformado por uma ideologia orientadora. E daí que as ideologias orientadoras da afirmação do Poder se tenham sucedido, ou tenham coexistido no tempo e no espaço. Assim, ao civismo clássico sucedeu o teocracismo medieval e o feudalismo, e a estas sucedeu o absolutismo como ideologia dominante nos séculos XVII e XVIII. Contra a concentração dos poderes do regime absolutista afirmou-se o liberalismo nos finais do século XVIII, tornando-se a ideologia orientadora durante o século XIX e o primeiro quartel do século XX. Uma das principais preocupações do liberalismo é limitar ao máximo todas as atribuições do Estado. E o liberalismo extremista pretendia reduzir pouco a pouco a lista de serviços públicos necessários até ao seu completo desaparecimento. Mas o liberalismo, permitiu que se acentuassem as desigualdades económicas e sociais, e que a classe detentora dos meios de produção aumentasse os seus rendimentos à custa da exploração das massas trabalhadoras.

Entretanto, durante o século XIX, várias correntes socialistas se insurgiram contra o modelo de organização política, económica e social suscitado pelo Estado liberal, contribuindo para a formação e afirmação de duas ideologias, Socialismo-Comunismo e Socialismo Reformista (Social-Democracia), que marcaram os destinos políticos de muitas sociedades no século XX. Utopistas, como Thomas More (*Utopia*), Campanella (*A Cidade Radiosa; A Monarquia do Messias*) e Charles Fourier; igualitaristas, como Babeuf e Blanqui (*O Prisioneiro*); associacionistas, como Saint-Simon, Louis Blanc (*Organização do Trabalho*) e Philippe Buchez (*História Parlamentar da Revolução Francesa; Tratado de Política e de Ciência Social*); anarquistas como Joseph Proudhon e Bakounine; socialistas científicos, como Karl Marx e Friedrich Engels; e reformistas, como Sidney Webb (*Socialismo na Inglaterra*;

¹ RUSSELL, Bertrand, *O Poder: Uma Nova Análise Social*, Lisboa, 1993.

Ensaaios Fabianos) e Edouard Bernstein todos eles deram importantes contributos para definir novas concepções do mundo e da vida opostas ao liberalismo.

Paralelamente, sob inspiração da Doutrina Social da Igreja e contra as desigualdades propiciadas pelo Estado do “laissez faire, laissez passez”, e o colectivismo defendido pelo marxismo, emergiu o personalismo democrata-cristão advogando uma forma de organização política e social assente no institucionalismo e na descentralização administrativa. E, no final da Guerra de 1914-1919, começa a afirmar-se uma nova concepção do mundo e da vida, o fascismo, que não tolera a fraqueza do Estado demo-liberal, nem admite a ditadura do proletariado prosseguida pelo marxismo-leninismo, mas pretende construir um Estado forte, interventor e gestor, dirigido pela elite dominante e obrigatoriamente tolerado e apoiado pelas massas inorganizadas.

Estas ideologias, marxismo-leninismo (comunismo), socialismo reformista (social-democracia), democracia-cristã, fascismo e demo-liberalismo, passaram a coexistir em muitas sociedades ao longo do século XX, influenciando o exercício do Poder alternadamente em diferentes espaços geográficos.

1. IDEOLOGIA E PRÁTICA POLÍTICA

1.1. O Socialismo, das Origens a Marx

Os fortes antagonismos de classe nas sociedades industriais do século XIX geraram, quase concomitantemente, algumas correntes de opinião que denunciaram a industrialização capitalista, a burguesia patronal e o liberalismo económico dos regimes vigentes como os principais criadores das injustiças sociais da época; e propuseram a abolição das diferenças sociais pela reconstrução da economia, do Estado e da sociedade em moldes revolucionários.

De origem diversa², estas correntes partilhavam alguns princípios inovadores:

- O princípio básico de que a liberdade individual não se deve sobrepor ao bem comum, o que significa submeter o indivíduo à sociedade;

² O socialismo, enquanto ideologia humanista que defende o bem-estar social (da maioria) acima dos privilégios de alguns poucos, é muito antigo. Na História europeia, é possível encontrá-lo desde a Antiguidade, passando pelo século XVI (lembramos as concepções de Thomas Moore e de Campanella) e pela Revolução Francesa, com o comunismo revolucionário e radical de Babeuf e Saint-Just, para terminar com o próprio socialismo utópico do século XIX, que Marx tanto condenou, mas de cujas teorias é, indubitavelmente, herdeiro.

- A convicção de que só alterando as condições da produção e da propriedade económica, pela abolição da propriedade privada e pela colectivização dos bens, seria possível obter uma mais justa e igualitária distribuição das riquezas e, conseqüentemente, estabelecer uma sociedade mais igual, mais harmoniosa.

Foram estes os pensamentos que marcaram, por volta de 1820-30, o aparecimento do socialismo, o qual congregou, na primeira metade do século XIX, um elevado número de escolas e de doutrinários, todos com soluções próprias para os problemas da época.

Os primeiros socialistas, mais tarde apelidados de românticos ou utópicos, não possuíam ainda uma ideologia formada, mas apenas um conjunto de reflexões pessoais, motivadas por sentimentos humanitários ou éticos, sobre a situação do operariado industrial e das classes populares nas sociedades industrializadas, burguesas e capitalistas do século XIX. Inicialmente, as suas ideias nasceram com o valor de um duplo protesto: de revolta moral contra as arbitrariedades sociais do sistema; de indignação racional contra a política económica, liberal e capitalista, cujas crises periódicas de superprodução eram em si um contra-senso. Assim, na sua origem, o socialismo foi, antes de mais, uma reacção contra o liberalismo individualista do século XIX e contra os pilares do seu sistema económico: a propriedade privada dos meios de produção e a livre concorrência.

Com formações muito diversificadas, estes utopistas sociais pertenceram, maioritariamente, aos meios urbanos e burgueses, estando alguns deles directamente ligados ao próprio patronato industrial. Entre os vários pensadores do socialismo utópico³, distinguimos:

- Saint-Simon (1760-1825), nobre e liberal francês que propôs um tipo de sociedade sem exploradores nem explorados, em que a hierarquização se fizesse de acordo com as capacidades de cada trabalhador. O salário deveria ser proporcional à produtividade de cada um. Atribuía grande relevância aos sectores activos da sociedade, e preconizava a sua organização associativa, de forma a tomarem e exercerem o poder político.⁴

³ O socialismo utópico nunca foi uma escola única, mas, antes, proliferaram nele, com fundamentos éticos, humanitários, ou mesmo religiosos, várias correntes ou teorias, algumas alicerçadas em rigorosas análises do quotidiano operário no século XIX. Para além das citadas, é justo salientar, pela sua repercussão, a posição de Louis Blanc e de Blanqui.

⁴ Obras: *O Organizador*; *O Sistema Industrial* e *Catecismo dos Industriais*.

- Robert Owen (1771-1858), industrial inglês que propôs a colectivização do trabalho através da associação dos trabalhadores em cooperativas ou comunidades, a fim de se conseguir melhor produção e uma distribuição mais justa dos lucros. Defendeu a abolição da propriedade privada.
- Charles Fourier (1772-1837), também oriundo dos meios burgueses, preconizou a transformação da sociedade numa federação de pequenas comunidades fechadas, os falanstérios, que funcionariam como cooperativas polivalentes de produção e consumo. Nelas, patrões e empregados viveriam em perfeita harmonia. Defendeu, igualmente, o direito ao trabalho e fez uma crítica severa ao capitalismo que tem como máxima o lucro.
- Proudhon (1806-1865), precursor do anarquismo, não prefere nenhuma forma governamental, pela simples razão de não querer nenhuma. Propôs a eliminação da grande propriedade capitalista, origem da exploração e da desigualdade, e a formação de cooperativas, as Associações Mútuas.

Cada trabalhador deveria ter a sua propriedade, na qual seria patrão de si mesmo. O poder político estaria nas mãos dos trabalhadores, através da associação entre si. Por isso, considerava, que o Estado não seria necessário.⁵

Para a concretização e generalização de todas estas propostas, os socialistas utópicos propuseram, idealisticamente, a via pacífica e amigável, conseguida pela união entre todos os trabalhadores e entre estes e o patronato. Acreditaram de tal modo nos resultados positivos dessa união, que foram os primeiros a levar estas ideias à prática nas suas próprias fábricas⁶, ou organizando cooperativas com grupos de trabalhadores que neles confiaram.

Mas, desenraizado da realidade económica e política vivida na época e demasiado teórico para ser entendido pelos operários, o socialismo utópico não teve grande adesão entre os trabalhadores e as experiências concretizadas não passaram de curtos sucessos que acabaram na falência ou degeneraram.

⁵ Obras: *O que é a Propriedade?*; *A Ideia Geral da Revolução do Século XIX*.

⁶ O idealismo dos utopistas do século XIX levou-os à tentativa de concretização das suas propostas de solução para o problema operário da época. Foi assim que Charles Fourier ensaiou, na América, a construção de vários falanstérios, os quais, após alguns anos de bom funcionamento, acabaram por degenerar perdendo as características iniciais.

Crete nas ideias que preconizou, Owen foi um dos que tentaram pôr em prática, na sua fábrica, as ideias socialistas. Começou por conceder sociedade aos seus operários, transformando assim a fábrica numa cooperativa de produção cujo principal objectivo foi o bem-estar de todos. Acabou na falência e na miséria, após anos de luta para aguentar a desapiadada concorrência do mundo capitalista em que vivia.

1.2. Os Princípios Básicos do Marxismo. O Apelo à Luta de Classes e ao Internacionalismo Operário

Só atingido o meado do século XIX, o socialismo encontrou os seus verdadeiros teorizadores: os alemães Karl Marx e Friedrich Engels⁷ que, em 1848, publicaram uma obra verdadeiramente revolucionária, o Manifesto do Partido Comunista, na qual lançaram os princípios básicos da nova ideologia.

Adjectivado de científico para se distinguir do socialismo utópico do período anterior, este novo socialismo teve como principal mentor Karl Marx, filósofo, político e historiador cujo pensamento, o marxismo, forneceu ao socialismo uma base científica, definindo-lhe com clareza os objectivos e meios de luta.

Sintetizando diversas influências anteriores⁸, Karl Marx, coadjuvado por Engels, começou por elaborar uma nova teoria científica da evolução das sociedades, a que se apelidou de materialismo dialéctico. Para a construir, Marx aplicou à observação da realidade histórica os princípios do trinómio tese-antítese-síntese que Hegel⁹ definira na sua dialéctica, embora lhe tivesse alterado a ordem das premissas. Atingiu as seguintes conclusões:

1. Sendo o processo histórico marcado pela dialéctica, expressa pelo seu dinamismo, isto é, pela sua constante transformação/mudança, Marx considerou que era à realidade exterior que cabia o papel essencial e dinâmico (transformador) das ideias e dos homens.

⁷ Grandes amigos desde 1842, quando, ainda estudantes, se encontraram em Berlim, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) foram os grandes ideólogos do socialismo, cabendo ao primeiro o mérito de lhe ter encontrado uma base científica ao desenvolver a teoria do materialismo dialéctico da História. Ambos alemães, trabalharam e viveram juntos grande parte das suas vidas, que se desenrolaram entre a Alemanha, a Suíça e a França, antes de fixarem definitivamente residência em Inglaterra (Londres), onde ambos faleceram. Juntos escreveram, também, algumas das obras mais importantes para o estudo do socialismo científico.

⁸ O pensamento de Marx, apesar da sua originalidade, teve antecedentes na História europeia. Indirectamente, Marx recebeu influências até da filosofia humanista grega (Pitágoras e Platão) e do pensamento cristão medieval.

⁹ Hegel, filósofo idealista alemão que defendeu a teoria de uma dialéctica evolutiva na História, da qual o motor seriam as realidades interiores do Homem: as ideias. Essa dialéctica exprimia-se por um processo próprio, o da tese-antítese-síntese.

2. Entre as realidades exteriores, aquela que, segundo ele, detinha o papel primordial era a realidade económica, apelidada de infra-estrutura, porque dela dependia a imediata sobrevivência. Assim, foi à realidade económica que Marx atribuiu o papel de motor da História. De facto, ela determina as relações de produção que, por sua vez, geram as relações sociais específicas e até as relações políticas.
3. Essas relações sociais, movidas pelos interesses antagónicos que forçosamente se criam entre os que dominam os bens de produção e os mecanismos económicos e aqueles que, não os controlando, se lhes têm de submeter, conferem ao processo histórico a sua dinâmica própria: a dinâmica da luta de classes.
4. Estes pressupostos, aplicados à leitura da História, conduziram Marx à ideia de que a evolução das sociedades humanas, até ao presente, não tinha sido mais do que uma sucessão de modos de produção:
 - o escravagismo, em que a produção se apoiava na exploração do trabalho dos escravos, utilizados como coisas;
 - o feudalismo, que explorava o trabalho produtivo dos servos da gleba;
 - o capitalismo, em que a produção é orientada para o máximo lucro através da exploração da mais-valia¹⁰ do trabalho proletário.A dinâmica que determinara a evolução destes modos de produção fora a da luta de classes, através da qual uma elite entre os dominados, usando de vários processos conseguira suplantar a minoria de cima e se impusera como nova elite dominadora.
5. Para terminar este ciclo evolutivo, acabando com o capitalismo e os seus males Marx preconizou a construção de um novo modo de produção: o comunismo, definido como aquele em que toda a propriedade privada ou cooperativa seria abolida e substituída pela propriedade comum de todos os meios de produção, geridos pelo Estado em nome de todos e para todos. Deste modo, as classes desapareceriam assim como os seus antagonismos, e o Estado, em vez de ocupar-se com o governo das pessoas, passaria a tratar apenas da “administração das coisas”.
O planeamento socialista da produção permitiria um melhor aproveitamento das

¹⁰ A noção de **mais-valia** é um dos conceitos básicos do marxismo. Baseia-se na descoberta de que entre a riqueza que um trabalhador efectivamente produz e o salário que lhe é pago existe uma diferença valorativa, que é geralmente reembolsada pelo patrão e que constitui o seu lucro. Para Marx, essa mais-valia é a prova da exploração a que o assalariado está sujeito.

riquezas (fim das crises cíclicas de superprodução) e a sua mais justa distribuição. Libertando o Homem da luta individual pela existência, o socialismo possibilitar-lhe-ia o controlo das condições naturais e das relações sociais que o cercam garantindo-lhe deste modo, o acesso à verdadeira liberdade.

O socialismo, tal como Marx e Engels o idealizaram, não seria mais do que uma etapa intermédia no caminho para a construção do modo de produção comunista e do comunismo como sistema político e social. A sua construção caberia ao proletariado, através do processo que lhe é próprio: a luta de classes. Pela revolução armada, o proletariado, que sozinho representa a grande maioria das sociedades, apoderar-se-ia do Estado e, estando no poder, usá-lo-ia, em nome dessa maioria (ditadura do proletariado), para converter em propriedade pública (social, comunitária) todos os meios de produção antes nas mãos da burguesia. Geridos pelo Estado, que assim, representaria toda a sociedade (Estado proletário), esses meios de produção passariam a desempenhar, efectivamente, uma função social, contribuindo, de modo planeado, para o bem-estar de todos e não apenas para a riqueza de alguns. A planificação socialista da produção permitiria um maior e mais equilibrado desenvolvimento da mesma, proporcionando, igualmente, uma mais justa distribuição das riquezas. Assim, progressivamente, as diferenças sociais transformar-se-iam num anacronismo e deixariam de existir.

Do mesmo modo se processaria a evolução no que diz respeito à autoridade política do Estado. Nas sociedades anteriores, o Estado fora necessário: era ele que assegurava a manutenção das condições de produção a favor da classe possidente e mantinha a classe explorada nas situações de opressão determinadas pelo modo de produção existente (escravatura, servidão, assalariado); na sociedade comunista, destruídas todas as diferenças e antagonismos de classe, pela colectivização pública dos meios de produção, o Estado deixaria de ter a quem reprimir e tornar-se-ia supérfluo, acabando por se extinguir.

1.2.1. O Marxismo e o Movimento Operário

Como teoria proletária da sociedade, o socialismo foi a primeira ideologia a analisar a História, o Estado e a economia sob o ponto de vista do operário, isto é, do próprio proletário.

Vocacionou-se, assim, para a liderança do movimento operário que então decorria, tanto mais que, para Marx como para os seus seguidores, só o operariado poderia ser autor da sua própria libertação. No entanto, a identificação entre socialismo e movimento operário não foi fácil e demorou vários anos a concretizar-se.

Os primeiros obstáculos a essa identificação decorriam da natureza dos sindicatos existentes e dos objectivos que a si próprios se punham. Com efeito, o movimento operário da primeira metade do século XIX, quase sempre espontâneo e mal organizado, actuava unicamente em prol de reivindicações salariais e profissionais (aumentos de salários; diminuição das horas de trabalho), nunca se expressando em termos políticos, meio em que, aliás, não se saberia mover pela fraca instrução dos seus líderes.

A fraca preparação escolar e intelectual das camadas operárias foi também uma dificuldade a ultrapassar. O socialismo científico, demasiado intelectualizado e filosófico (a sua crítica não se limita a rejeitar o regime económico vigente, mas propõe-se também modificar as instituições políticas, o sistema de relações sociais, a moral burguesa, a filosofia e a religião dominantes), foi, por isso mesmo, dificilmente entendido pela classe operária, que não lhe percebia as intenções.

Uma outra ordem de obstáculos advinha da proliferação das escolas e dos pensadores doutrinários de filiação socialista, que nesta época disputavam a adesão dos trabalhadores. Socialistas utópicos, proudhonistas, blanquistas, anarquistas e marxistas travaram, por meados do século, acesas lutas ideológicas pela liderança do movimento operário¹¹. Essas lutas foram visíveis na evolução dos sindicatos existentes em cada país, e ficaram sobretudo bem vincadas na história da 1.ª e da 2.ª Internacionais Operárias, realizadas, respectivamente, em 1864 e em 1889.

A partir de 1870-1880, começou a ser visível o avanço do socialismo científico, marxista, sobre as restantes correntes ideológicas, no seio do movimento operário. Em França, onde o proudhonismo era prioritário, Jules Guesde, célebre sindicalista, milita abertamente a favor do marxismo, convertido pela leitura de *O Capital*, de Marx.

Em 1879, um Congresso Operário Internacional reconheceu maioritariamente o marxismo como sua ideologia. Pela mesma época, também na Alemanha, o Congresso de Gotha¹² integrou o marxismo no programa oficial do socialismo alemão.

¹¹ A 1.ª Internacional ficou marcada pelas violentas disputas ideológicas entre Marx e o russo Bakunine (1814-1876), defensor aceso do anarquismo.

¹² Gotha, cidade alemã onde, em 1875, se realizou um congresso dos partidos socialistas.

Nas duas últimas décadas do século XIX, assistiu-se, por toda a Europa, da Escandinávia à Península Ibérica, à dominação do marxismo entre os sindicatos e à proliferação dos partidos socialistas que, assim, encetavam a luta pela conquista do poder.

A vitória do socialismo marxista pode explicar-se por várias circunstâncias:

- As experiências populares da Revolução de 1848 e da Comuna de Paris, em 1871, tinham demonstrado à classe operária internacional que a luta de classes não era uma ideia visionária, mas uma realidade social, ao mesmo tempo que permitiram o ensaio de algumas formas de governo popular e proletário que o poder económico e político da época se apressou a esmagar pela força;
- O papel de Marx e Engels na formação da Associação Internacional dos Trabalhadores e no decorrer da 1.^a Internacional tinha sido, também, determinante;
- Mas o socialismo impôs-se, sobretudo, pela superioridade moral e intelectual da sua filosofia político-social e pela forte base científica em que se apoiava: o materialismo dialéctico da análise histórica, fundado por Karl Marx.

A partir de finais do século XIX, o socialismo marxista tornou-se inseparável do movimento operário e do sindicalismo, cuja causa tomou como sua. Essa aliança foi duplamente benéfica. O socialismo científico forneceu ao movimento operário uma ideologia cientificamente organizada, um sistema rigoroso de análise da realidade sociopolítico-económica e uma metodologia de acção (a revolução proletária, a instalação da ditadura do proletariado, a construção, pelo socialismo, do modo de produção e da sociedade comunista); ao mesmo tempo ajudou a reforçar a união entre todos os trabalhadores, pela compreensão da situação comum do proletário face ao burguês explorador, qualquer que fosse a sua profissão ou nacionalidade (a mundialização do capitalismo tinha feito do proletariado uma classe internacional, cuja força numérica era incalculável). O apelo à união internacional dos trabalhadores foi um slogan constante do socialismo.

Por outro lado, foi o socialismo que reestruturou internamente os sindicatos fortalecendo-os com organizados aparelhos administrativos; foi também ele que forneceu ao movimento operário a dimensão política que veio a revestir a partir das últimas décadas do século XIX.

Por seu lado, o socialismo encontrou no movimento operário, expressão mais espontânea do proletariado, a base de apoio e a força suficiente para poder alcançar o poder, apelando à união e à revolução das massas populares.

1.3. O Socialismo Revolucionário, da Liderança Operária à Cisão Interna: Reformismo e Social-Democracia

Após 1890, o socialismo esteve em expansão em toda a Europa Ocidental e Central, afirmando-se cada vez mais como uma nova força política e social.

Esta expansão foi corroborada por dois factos relevantes:

- Pelo crescimento da imprensa operária e socialista. Em 1904, surgiu em França um periódico de grande expansão, o L’Humanité, fundado por um dos mais célebres socialistas franceses deste período, Jean Jaurès. Na mesma época, apareceu na Alemanha o diário “Vorwärts” cujas tiragens não pararam de crescer, apesar de a Alemanha possuir, na altura, mais de noventa diários de tendência socialista. Na Itália, veio a lume o “Avanti”;
- Pela formação de novos “partidos socialistas” em vários países europeus, bem como pela sua inegável subida na opinião pública, suficientemente patenteada pelos resultados expressos nas eleições. Em 1914, na França, o Partido Socialista conseguiu uma posição logo abaixo da dos Radicais, obtendo 104 dos 600 lugares do Parlamento nacional. Na Alemanha, em 1912, o Partido Social-Democrata, que congregava todos os socialistas alemães, nomeou 110 deputados para a Assembleia Nacional, lugares ganhos pela adesão de mais de quatro milhões de votantes. Também em Inglaterra, foi em 1906 que surgiu o Partido Trabalhista, nascido da iniciativa sindical das Trade Unions, o qual desempenhou papel de relevo na cena política inglesa até à 2.ª Grande Guerra.

Não há dúvida que estes progressos se ficaram a dever à difusão, entre as várias escolas socialistas, do socialismo marxista, cuja acção alterou profundamente a vida política, introduzindo-lhe problemas e métodos novos.

A união da família socialista internacional foi também um dos principais objectivos da 2.ª Internacional, em funcionamento desde 1889. Nos seus vários congressos procurou-se, tacticamente, reforçar os pontos comuns entre as diversas tendências representadas, ao mesmo tempo que se trabalhava no sentido de consolidar o

predomínio do socialismo como ideologia da classe operária se este último objectivo foi plenamente alcançado, o primeiro viu-se seriamente comprometido, já que foi no seio da 2.^a Internacional que se travaram as disputas que deram origem às grandes cisões internas do socialismo.

Essas cisões resultaram, fundamentalmente, das diferentes ideias que se formaram quanto à acção política imediata que o socialismo devia realizar. Os caminhos propostos derivavam, por sua vez, das diversas interpretações que os vários ideólogos presentes faziam do pensamento e da doutrina de Marx. De facto, a construção da sociedade socialista, que para os marxistas só era realizável pela revolução proletária armada, parecia, à maior parte dos socialistas da época, uma tarefa impossível de concretizar nas condições vividas no momento. Apesar dos êxitos obtidos, havia ainda um árduo trabalho de consciencialização das massas trabalhadoras quanto à sua situação proletária comum e quanto à sua importante missão histórica.

Enquanto isso se fazia, as dissidências colocavam-se ao nível da acção política imediata:

- Uns, permanecendo fiéis ao pensamento de Marx, condenavam qualquer pacto ou aliança com o regime vigente, achando qualquer reforma obtida, parcial ou provisória, um mero paliativo, tanto mais perigoso quanto com ele se corresse o risco de desviar ou afrouxar o ânimo e a força dos trabalhadores para as metas finais a atingir pelo seu movimento;
- Outros, pelo contrário, procurando uma posição mais pragmática, defendiam que se enveredasse pelo caminho das alterações possíveis, ao nível da acção imediata, definindo, a curto prazo, metas de médio alcance.

Foi a tendência a que se apelidou de possibilista¹³. Os possibilistas viam com bons olhos as reformas¹⁴ ao sistema vigente, na medida em que lhes atribuíam um duplo valor: impregnar a sociedade com doses crescentes de socialismo, as quais iriam construindo os alicerces para a futura revolução;

¹³ Na altura a que nos estamos a reportar (início do último quartel do século XIX), o possibilismo não era ainda uma corrente formada, mas uma tendência entre certos socialistas que acreditavam ser possível reformar progressivamente o regime capitalista burguês, sem ter de recorrer de imediato à revolução armada.

¹⁴ Os socialistas possibilistas classificavam as reformas a realizar como: de repartição, quando modificavam o regime de lucros ou actuavam sobre o sistema fiscal tornando-o mais equitativo; de estrutura, sempre que impunham alterações de base aos princípios de organização económica do sistema capitalista. Por exemplo, a nacionalização de qualquer empresa produtiva era sempre uma reforma de estrutura. Actuando inicialmente pelas primeiras, os socialistas consideravam, contudo, que só através das segundas estariam efectivamente a contribuir de modo mais decisivo para a construção da mudança.

preparar moralmente os homens para as reformas da sociedade futura, começando a modificá-los através de uma acção constante e gradativa.

Esta corrente possibilista expressou-se cada vez com mais força a partir de 1883. Nesse ano apareceu na Inglaterra a Sociedade Fabiana (Fabian Society), fundada por Edward R. Pease. Baseados num velho método militar romano¹⁵, os fabianos propunham que o socialismo, unido ao sindicalismo e ao movimento operário em geral, “flagelasse continuamente a sociedade burguesa”, introduzindo nela o máximo possível de modificações socializantes. Como meio de acção imediata, preconizavam a infiltração dos socialistas nas organizações municipais onde era possível manter uma relação mais directa com as populações.

Nomes célebres da sociedade britânica da belle époque foram fabianos. Foi o caso dos escritores Herbert G. Wells e Bernard Shaw, e de Béatrice e Sidney Webb, entre outros. O pensamento possibilista dos fabianos influenciou grandemente a sua época, tendo sido determinante, inclusive, na acção do Partido Trabalhista.

Em 1885, o francês Benoît Malon publicou a obra “Le Socialisme Reformiste”¹⁶. Esta obra, muito lida e discutida pelos socialistas até aos primeiros anos do século XX, marcou posição no socialismo francês, influenciando nomeadamente o pensamento e a acção de Jaurès. Nela, Benoît Malon defendia a construção de um socialismo prático que apostasse a sua acção nas soluções imediatas possíveis.

O êxito da Sociedade Fabiana e da obra de B. Malon comprova a formação de uma corrente cada vez mais ampla de socialistas que contestavam a violência e o radicalismo das soluções propostas por Marx. Em sua substituição, procuravam, pela via democrática que o liberalismo lhes abrisse (oficializando e institucionalizando o movimento operário, legalizando os partidos operários e o alargamento do sufrágio), obter gradativamente a resolução das suas reivindicações e objectivos pela imposição de reformas sucessivas do sistema em curso.

Este conflito entre integralistas (os que permaneciam fieis à doutrina marxista e, portanto, não admitiam outra reforma que não fosse a revolução total) e possibilistas (os que acreditavam na via pacifista das reformas progressivas dentro do sistema)

¹⁵ O nome da Sociedade Fabiana advinha do militar romano Fabius Cunctator que aguerriu o exército romano, durante as Guerras Púnicas, flagelando continuamente o forte exército cartaginês.

¹⁶ Segundo o próprio Benoît, e numa perspectiva actual, o reformismo de que Benoît Malon falava na sua obra não era ainda o reformismo que se opôs ao integralismo marxista, mas o socialismo utópico então prevalecente em alguns meios.

manifestou-se claramente, em 1889, durante o Congresso de Paris da 2.^a Internacional. Nessa reunião, o alemão Edouard Bernstein¹⁷ (1850-1932), colocando-se numa posição revisionista em relação ao pensamento de Marx, propôs a construção de um socialismo reformista que, contrariando a teoria da luta de classes, se afirmasse pela conquista do voto operário (agora alargado pelo sufrágio universal) na luta pela maioria parlamentar socialista. Crescendo a força parlamentar dos partidos socialistas, estes, apoiados no movimento operário (greves e manifestações), forçariam os governos a reformas sucessivas capazes de criarem as estruturas da mudança.

O projecto reformista de Bernstein nascera da análise que este último fizera da evolução do regime capitalista e liberal nas últimas três décadas do século XIX. Segundo Bernstein, essa evolução demonstrava já que Marx errara ao prever uma transformação linear e determinista da vida económico-social que só poderia terminar no comunismo. A realidade contemporânea mostrava-lhe que, apesar das crises cíclicas, o capitalismo continuava próspero e, pelo contrário, cedera estrategicamente sob a pressão do movimento operário e do sindicalismo, outorgando aos trabalhadores importantes concessões¹⁸ que aumentaram a democraticidade dos seus governos e melhoraram inegavelmente as condições de trabalho e de vida das classes proletárias.

Estas conquistas tinham travado o processo de proletarização da sociedade que o capitalismo liberal iniciara com a Revolução Industrial e provado que as reformas podiam ser eficazes. Assim, para quê esperar messianicamente a chegada de uma revolução que não se saberia quando viria e cuja concretização era uma incerteza?

O revisionismo de Bernstein leva-o a contestar a luta de classes e a via revolucionária e a acreditar e defender a possibilidade de, pela via reformista, se poder alcançar igualmente a sociedade socialista.

Este reformismo fez escola nas primeiras décadas do século XX, dando origem à social-democracia, ao trabalhismo e ao socialismo democrático, tendências que marcaram a política ocidental até, pelo menos, à 2.^a Guerra Mundial. As suas premissas influenciaram, inclusive, a doutrina social da Igreja expressa sobretudo pelas encíclicas *Rerum Novarum*, de Leão XIII, e *Populorum Progressum*, de Pio XI.

¹⁷ Obras: *Socialismo Evolucionista; Os Pressupostos do Socialismo e as Tarefas da Social-Democracia*.

¹⁸ Lembramos algumas dessas concessões: o alargamento do sufrágio, a legalização dos partidos operários e dos seus movimentos e organizações profissionais representativas; o reconhecimento do direito à greve; a legislação protectora do trabalho; o estabelecimento da assistência social aos trabalhadores.

A expansão do socialismo, desde finais do século XIX, muito deveu também à capacidade de organização e à disciplina interna dos seus partidos.

Contudo, apesar dos seus êxitos, será bom lembrar que, até finais da 1.^a Grande Guerra, o socialismo foi sempre um fenómeno circunscrito à Europa, onde representava a esquerda da oposição e nunca, ainda, o governo. Seria preciso esperar por 1917 para observar a concretização, no terreno, daquela que foi a primeira experiência socialista do Mundo: a do socialismo soviético russo.

Conclusão

As condições económico-sociais provocadas pelo capitalismo liberal e pela industrialização geraram o aparecimento, desde inícios do século XIX, do socialismo, ideologia de carácter social e político que pretendeu construir as sociedades com base numa efectiva igualdade económica e social.

Os primeiros socialistas foram intelectuais e burgueses idealistas que não lograram a adesão das classes operárias e se mostraram inaptos na luta contra os padrões económicos e políticos vigentes.

Os verdadeiros teorizadores do socialismo foram os alemães Karl Marx e Friedrich Engels que, em 1848, expuseram os seus princípios na obra “Manifesto do Partido Comunista”, onde se encontra o celebre apelo “Proletários de todos os países, uni-vos!”.

Partindo da crítica à filosofia do direito e do Estado de Hegel, que o leva a uma mudança radical das relações tradicionais entre sociedade (natural e civil) e Estado, Marx propõe uma teoria do Estado estritamente ligada à teoria geral da sociedade e da história, que ele deduz do estudo da economia política. Esta teoria geral permite-lhe dar uma interpretação e fazer uma crítica do Estado burguês do seu tempo nas diversas formas em que se apresenta e dar também uma interpretação e formular algumas propostas relativas ao Estado que se deverá seguir ao Estado burguês. Permite-lhe, enfim, deduzir o fim ou a extinção do Estado.

Todavia, a construção científica do socialismo caberia a Karl Marx com a concepção materialista da História. O materialismo dialéctico permitiu a Marx conceber a História como uma sucessão de modos de produção cuja dinâmica era a luta de classes. Só através dela as maiorias subjugadas puderam transformar os sistemas que as oprimiam, até que outra minoria se apoderasse da produção e do Estado. Segundo ele, a

única solução para a classe operária era a tomada do poder pela luta armada, a instalação da ditadura do proletariado e da sociedade socialista até à construção definitiva do comunismo.

A revolução devia começar nos países mais evoluídos e mais industrializados. Teoria proletária por excelência, foi no seio do movimento operário e sindicalista que o socialismo se enraizou socialmente, apelando à união internacional dos trabalhadores e à luta de classes. A sua ascensão foi notória ao longo da segunda metade do século XIX. Por finais do século, possuía já imprensa própria, em muitos países, e liderava a maior parte dos partidos operários. Para a sua liderança no seio do movimento operário internacional muito contribuíram os Congressos das duas Internacionais Operárias entretanto realizadas: a de 1864, iniciada em Londres, e a de 1889, inaugurada em Paris.

Na transição do século, a evolução do socialismo científico, ou marxista, ficou marcada por dissidências ideológicas internas que provocaram o aparecimento do socialismo reformista teorizado principalmente pelo alemão Bernstein. Analisando as reformas sociais obtidas pela luta operária através dos seus organismos próprios, constatando a própria evolução do liberalismo democrático, Bernstein propôs a revisão da doutrina de Marx, encaminhando o socialismo, pela via pacífica e democrática, para a luta pela conquista do voto e pela representação parlamentar tendo como alvo a obtenção de reformas político-sociais que, pouco a pouco, destruíssem o regime liberal preparando a sociedade igualitária do futuro. O socialismo reformista ou revisionista de Bernstein deu origem à social-democracia e ao socialismo trabalhista que pontificou nos países ocidentais até à 2.^a Grande Guerra.